

A presença da literatura de Guiné-Bissau nas pesquisas de pós-graduação no Brasil

Ricardo Luiz Pedrosa Alves¹

Resumo

O artigo discute aspectos da presença da literatura guineense junto aos estudos de pós-graduação no Brasil. São apresentados dados gerais da recepção brasileira às literaturas africanas, mostrando a evolução temporal na quantidade de trabalhos e a situação atual das pesquisas, em termos de autores e atenção acadêmica às diferentes nações africanas. A situação de Guiné-Bissau é paradoxal no campo de estudos brasileiro, pois há diversidade de autores, mas concentração de pesquisas exclusivas apenas em Abdulai Sila, Odete Semente e Tony Tcheka. O artigo, ao investigar a recepção acadêmica brasileira à literatura guineense, resume as 23 dissertações e teses que trataram do tema até 2018. O artigo é finalizado com a discussão dos pressupostos e categorias presentes naqueles trabalhos, abordando em particular a ilusão de comunitarismos e a presença do mercado editorial como força determinante no campo brasileiro de recepção acadêmica às literaturas africanas.

Palavras-chave

literatura de Guiné-Bissau;
estudos literários no Brasil; literaturas africanas;
países africanos de colonização portuguesa; lusofonia.

Manuscrito submetido a 30 de junho de 2019

Aceite a 8 de dezembro de 2020

Publicado online a 29 de dezembro de 2020



Política de Privacidade
CC-BY-NC | Open Access
Creative Commons

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil | ricardopedralves@gmail.com

Literatura di Guine-Bisau na piskiza ku ta fasidu na Brazil pa otoris ku kaba forma³

Ricardo Luiz Pedrosa Alves

Rusumu

Es testu ta diskuti manera ku literatura guinensi ta odjadu na Brazil na studu ku fasidu pa otoris ku kaba si formason. No ta konta kuma ku literatura afrikanu ta risibidu na Brazil, kuma ku numeru di piskiza ianda, ku kal ki situason di kil piskiza aos, tantu na atenson ku ta dadu pa difrentis otor suma pa difrentis tera afrikanu. I ten tudu dus ladu na manera ki Guine-Bisau ta mati na studu ku fasidu na Brazil. Na un ladu, i ta ten manga di difrentis otor ku djubidu, ma na utru, piskiza ta konsentra na tarbadju di Abdulai Sila, Odete Semedo ku Tony Tcheka. Es testu djubi tudu 23 tarbadju di mestradu ku duturamenti ku fasidu sobri es tema te na 2018, i ta kaba pa diskuti kal ku ideia ku kategorias ku ta mati na e tarbadjus. I ta papia tan di iluzon di ideia di kumunidade, i ta konta kuma, na fin, merkadu di libru mas tene forsa na manera ku literatura afrikanu ta risibidu na Brazil.

Nomi-tchabi

literatura di Guine-Bisau;
studu di literatura na Brazil; literatura afrikanu;
tera afrikanu ku kolunizadu pa portuguis; luzufunia.

² Nota de edição: A ortografia do kriol segue o modelo proposto em Scantamburlo, L., *Dicionário do Guineense*, Vol. 2 (FASPEBI, Bubaque, 2002) e em Scantamburlo, L., *O Léxico do Crioulo Guineense e as suas Relações com o Português* (Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2013).

Introdução

Este artigo apresentará um descritivo da presença da literatura de Guiné-Bissau junto às teses e dissertações acadêmicas defendidas no Brasil.³ Através do Catálogo de Teses e Dissertações,⁴ disponibilizado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), fundação vinculada ao Ministério da Educação do Brasil, pesquisamos e catalogamos dissertações e teses que abordassem autores literários africanos. Trata-se de perspectiva inédita em se tratando de sociologia e teoria literárias no Brasil, pois, salvo a nossa pesquisa, o catálogo ainda não foi utilizado para nenhuma reflexão semelhante. Além de oferecer um quadro da produção de pós-graduação em literatura, a pesquisa possibilitará revisões teóricas sobre o campo das literaturas africanas no Brasil, sobre a chamada literatura-mundo, sobre as questões do pós-colonial, em particular quanto às comunidades simbólicas de expressão literária lusófona e suas tensões, solidariedades e contradições, e sobre a perspectiva afrodiaspórica dos estudos decoloniais, particularmente quanto ao papel de uma aproximação oficial à África através de legislação afrodescendente afirmativa (a Lei nº 10639/03, que trata do estudo e divulgação pedagógica da história e da cultura de africanos e afrodescendentes) e de esforços diplomáticos e comerciais do Estado brasileiro a partir de 2003. Tais discussões, infelizmente, fogem ao escopo mais imediato deste texto. Para agora, disponibilizaremos um recorte de nossa pesquisa, apresentando a situação da literatura de Guiné-Bissau no quadro dos estudos brasileiros de pós-graduação. O país já tem um número significativo de autores nas pesquisas, mas ainda poucos nomes são analisados com individualidade.

O artigo será iniciado pelos dados mais gerais da pesquisa “Panorama dos Estudos de Literaturas Africanas na Pós-Graduação Brasileira”, com descrição de métodos e resultados. Tal introdução é necessária para que se compreenda adequadamente a presença guineense no quadro geral. Em seguida, apresentaremos os resultados quanto à situação da literatura de Guiné-Bissau, dimensionando sua presença em relação à totalidade dos dados e comentando as principais premissas e características das dissertações e teses sobre aquela literatura, com breves considerações finais sobre o perfil de tais trabalhos.

³ Este artigo está vinculado à pesquisa “Panorama dos Estudos de Literaturas Africanas na Pós-Graduação Brasileira”, realizada através de estágio de pós-doutorado no programa de pós-graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

⁴ Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

Panorama dos estudos de literaturas africanas na pós-graduação brasileira

Nossa pesquisa reconhece e problematiza a importância não apenas do Brasil enquanto comprador e editor de livros africanos, mas quanto à sistematização de categorias epistemológicas que a leitura acadêmica propicia. Uma sistematização desta natureza não se faz desligada da história do Brasil “africano”, em suas oposições e resistências, e das dinâmicas contemporâneas, junto ao repertório da recepção brasileira e ao entendimento da própria cultura nacional, operadas através da presença cada vez mais avolumada das literaturas africanas, afrodescendentes e indígenas na academia.

Além de dissertações e teses, o Brasil conta com vasta produção de artigos acadêmicos sobre as literaturas africanas, mas tal campo de recepção ainda não foi pesquisado e discutido. A sedimentação do campo de recepção crítica às literaturas africanas ocorreu entre 2007 e 2009, quando inúmeras revistas com foco e escopo em literaturas de língua portuguesa foram fundadas e se consolidou uma produção contínua de teses e dissertações. De início praticamente restrito a revistas de estudos africanos (privilegiando áreas como ciências sociais e história), o campo de pesquisas sobre a África no Brasil passou a ganhar produções sobre literatura já nos fins da década de 1990. A revista *Via Atlântica*, praticamente uma pioneira, inicia suas publicações em 1997. Devemos destacar que as revistas passam a divulgar de modo sistemático a produção acadêmica sobre literatura africana em língua portuguesa a partir do fim da década de 2000, por exemplo através de dossiês temáticos, e coincidindo com o avolumar da produção de dissertações e teses. No período, são fundados os periódicos *Nau Literária* (2005), *Crioula* (2007), *Navegações* (2008) e *Mulemba* (2009). Na mesma época, a pioneira *Via Atlântica* passa a ser semestral (em 2007). De outro lado, porém, a concentração do mercado em nomes como Mia Couto, Ondjaki e Agualusa ainda é enorme, apesar de iniciativas mais alternativas como as das editoras universitárias, em especial a da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e de editoras comerciais como a Kapulana, com diversos autores, principalmente moçambicanos e nigerianos, e a Pallas, responsável pelo lançamento de Abdulai Sila no Brasil. Para Laura Padilha (2010, p. 13), o gesto dessas pesquisas sobre a literatura dos países africanos é de resistência e de desconstrução do cânone eurocêntrico:

A fim de brevemente concluir, devo dizer que se, por sua parte, a neocolonialidade insiste em não ceder seu espaço, nós, os que a ela nos opomos, insistimos também em enfrentá-la, pondo em circulação novas vozes, que assim se deixam ouvir; outras matrizes culturais, que afinal afluem; diferentes formas de olhar, que ganham espaço. Enfim, objeti-

vamos, como nossos estudos, contribuir para que o múltiplo cultural que somos tome seu lugar.

Se uma utopia do “múltiplo cultural” orienta a resistência que representam os estudos brasileiros das literaturas africanas, o que obtivemos na pesquisa relatada a seguir confirma apenas em parte o sucesso da diversidade. Uma história de concentração em poucos nomes e literaturas acaba por ser o contraponto perverso de nosso empreendimento acadêmico.

A pesquisa “Panorama dos Estudos de Literaturas Africanas na Pós-Graduação Brasileira” surgiu a partir da investigação que fizemos sobre a recepção do ficcionista moçambicano João Paulo Borges Coelho (R. L. P. Alves, 2018). A partir do artigo, foram realizadas consultas ao Catálogo de Teses e Dissertações, entre 1 de outubro de 2018 e 1 de junho de 2019. As consultas se deram a partir de nomes de escritores de países africanos, sendo verificados 1222 nomes das literaturas africanas, com 298 dos países lusófonos e 924 dos demais países. Também consultamos inúmeras expressões como “literatura africana”, “literatura guineense”, “poesia angolana”, etc. Selecionamos as pesquisas que citassem o nome de autor como objeto central ou parcial (no caso de análises comparadas), sendo que na quase totalidade dos casos tivemos confirmação pelo acesso aos resumos, uma vez que o Catálogo de Teses e Dissertações as vincula à Plataforma Sucupira (também da CAPES), na qual encontramos o link para os trabalhos defendidos a partir de 2013. Destaque-se que não consideramos pesquisas que tomassem autores africanos relacionados a aspectos teóricos, intelectuais ou políticos (como é o caso de Amílcar Cabral), mas apenas quando eram relacionados como objetos de investigação literária. Da consulta dos 298 nomes de autores da África lusófona, 118 foram mencionados (39,6%), e 180 nomes não. Dos 924 nomes da África não lusófona, houve menção a apenas 47 autores (5,1%). Há, portanto, intensa concentração nos países que sofreram colonização portuguesa, demonstrando o peso do repertório de expressão lusófona nas análises brasileiras. São 33 nomes de Angola, 33 de Cabo Verde, 23 de Moçambique, 21 de Guiné-Bissau e 8 de São Tomé e Príncipe. As investigações que confirmaram nomes ou que tratavam genericamente da questão (por exemplo, “contos africanos”, sem especificar nomes) foram também catalogadas e obtivemos ao fim o número total de estudos realizados no Brasil sobre as literaturas africanas. Para este texto discutiremos apenas os resultados quanto aos países lusófonos.

Foram obtidas duas ordens diferentes de números: a) a quantidade de dissertações e teses, com subclassificações de ano, instituição de origem, área acadêmica (neste artigo trataremos apenas da distribuição temporal); b) a quantidade de menções de cada autor, também subclassificadas em ano e tipo, isto é, se pesquisa exclusiva ou comparada, o que permitiu traçar cruzamentos de autores, dividindo-os

em subcategorias, como comparações com nomes do Brasil, de Portugal, de ambos, de outras nações africanas, etc.

No caso do número de dissertações e teses, no período entre 1979 e 2018, obtivemos 840 trabalhos sobre literatura africana lusófona (mas também comportando algumas poucas comparações fora da lusofonia), sendo 613 dissertações (73%) e 227 teses (27%). Optamos por pensar a evolução da produção acadêmica sob três patamares temporais, tendo como marco central a edição da Lei nº 10639/03.⁵ Outros fatores foram considerados, como o incremento de programas de pós-graduação e o aumento expressivo de bolsas de estudo no país após o ano 2003. Os três patamares mostram um crescimento consistente: a) 1979 a 2004 – trata-se de um período formativo, pioneiro, com produção ininterrupta desde 1990, e que resultou em 109 trabalhos (13,0% do total, com média de 4,2 trabalhos/ano); b) 2005 a 2012 – escolhemos o ano 2005 como marco para as primeiras dissertações produzidas já sob a vigência da Lei nº 10639/03, sendo um período de consolidação, com 275 trabalhos defendidos (32,7% do total, 34,4 trabalhos/ano); c) 2013 a 2018 – um período de disseminação dos estudos em universidades de todo o país e também período de confirmação acadêmica, com muitos mestres em literaturas africanas defendendo agora suas teses de doutorado, sendo realizadas 456 pesquisas em apenas seis anos (54,3% do total, 76 trabalhos/ano). O último período é também o de descoberta de novos autores. Quanto aos guineenses mais citados, nota-se um perfil diferente entre eles. Odete Semedo e Tony Tcheka são nomes cujas análises estão equilibradas entre os anos anteriores a 2013 e os posteriores, mantendo uma média constante. Já Abdulai Sila tem 10 das 12 investigações a partir de 2013. De fato, *A Última Tragédia* foi publicada no Brasil em 2011, o que certamente impulsionou a presença do autor na academia brasileira.

No tocante às menções de escritores, tem-se grande quantidade de nomes citados, se compararmos com a pesquisa feita sobre os não lusófonos. A academia brasileira demonstra disposição para a diversidade, revelando e discutindo materiais sempre renovados e mesmo retomando nomes do passado, ainda que se restrinja em excesso ao mundo africano lusófono. Há também uma enorme concentração na recepção de alguns poucos nomes. Um dos problemas centrais relatados neste

⁵ A Lei nº 10639/03 traz a seguinte redação, nos aspectos que aqui nos interessam: “Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. § 1o O conteúdo programático a que se refere o *caput* deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. § 2o Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.” (Lei nº 10.639, 2003).

trabalho é o da relação contraditória entre diversidade e concentração, apontando mesmo para um possível sequestro de interesses acadêmicos pela diminuta disponibilidade de nomes africanos no mercado editorial brasileiro. Ainda assim, há pautas políticas que também orientam a dinâmica das pesquisas, como é o caso do crescimento bastante recente de análises de escritoras africanas, a partir das discussões de gênero, como nos casos mais evidentes de Paulina Chiziane e de Chimamanda Adichie.

Estabelecemos um *ranking* de escritores, considerando como critérios o número de pesquisas, número de teses, número de dissertações, investigações exclusivas, presença no período 2013-2018 e trabalhos de 2018. Num plano mais geral, dos 118 nomes confirmados, apenas 50 estão em três ou mais pesquisas, compondo 92% do total de registros. Para se dimensionar melhor a concentração, há no fim da lista de autores levantados outros 50 nomes que constam com apenas uma menção nos estudos, usualmente em trabalhos comparativos. Já no topo, se ficarmos apenas nos 20 mais citados, a concentração é de 78,5% das menções, com muitos trabalhos exclusivos. Trabalhos exclusivos em geral abordam mais de um livro de mesma autoria, o que demanda uma presença mais sólida no mercado editorial, já que com muita raridade chegam ao país livros africanos ou portugueses.

É o caso, naturalmente, de Mia Couto. O moçambicano, editado e reeditado todos os anos no Brasil, lidera o *ranking* de menções acadêmicas, tendo 24,0% do total de citações. Um autor sozinho, portanto, com um quarto das referências. Na sequência vêm Pepetela, Paulina Chiziane, Agualusa, Luandino Vieira, Ondjaki, Boaventura Cardoso, Ruy Duarte de Carvalho, João Melo e Ana Paula Tavares. Estes 10 primeiros concentram 67,1% das referências. Trata-se, porém, de um quadro dinâmico. Assim, até 2003, Luandino Vieira era o mais analisado. Entre 2004 e 2007, foi Pepetela. Mia Couto assumiu a liderança em 2008, para em seguida disparar à frente dos demais.

Na base da lista, dos 50 nomes com uma menção, 16 são de Guiné-Bissau, 12 de Cabo Verde, 10 de Angola, sete de Moçambique e cinco de São Tomé e Príncipe, o que mostra que as literaturas guineense e cabo-verdiana foram estudadas preferencialmente em moldes comparativos, incluindo, em geral, três ou mais nomes numa mesma pesquisa. Autores angolanos têm 454 menções (44,8% do total), numa média de 13,8 menções/autor. Os moçambicanos têm 393 menções (38,8%), mas com média de 17/autor (devido, basicamente, a Mia Couto). Autores de Cabo Verde têm 106 menções (10,5%), média de 3,2/autor; de Guiné-Bissau 41 (4,1%), média de 2/autor; e de São Tomé e Príncipe 18 (1,8%), média de 2,2/autor.

A presença da literatura de Guiné-Bissau

O caso de Guiné-Bissau no quadro da recepção às literaturas africanas lusófonas é paradoxal, pois há um número bastante significativo de autores, na mesma dimensão de Moçambique, mas há poucas análises exclusivas de um mesmo nome, à exceção de Abdulai Sila, Odete Semedo, Tony Tcheka e Rui Jorge Semedo, existindo igualmente a tendência da formação de panoramas comparativos compostos por número relativamente elevado de escritores. Como vimos, Moçambique, principalmente a partir da dimensão que Mia Couto detém no mercado brasileiro e mundial, apresenta um perfil bem diferente. A situação é semelhante se compararmos Cabo Verde e Angola. Cabo Verde tem com Angola o mesmo número de nomes mencionados, mas, à exceção talvez de Germano Almeida, a tendência é a de formação de panoramas. O contrário se dá com os angolanos, muitos deles posicionados entre os mais analisados. De outra parte, nota-se uma preferência nos estudos brasileiros pela prosa de ficção, em particular pelo romance africano, o que explicaria a atenção dirigida a Abdulai Sila. Os nomes de Abdulai Sila, Odete Semedo e Tony Tcheka são os de guineenses com melhores posições no *ranking* de referências. Abdulai Sila (14º posto) tem 13 referências (oito em dissertações e cinco em teses), com seis dissertações exclusivas e duas teses exclusivas. O autor teve 84,6% de suas menções no período 2013/2018, o que destaca sua ascensão nos interesses acadêmicos brasileiros. Odete Semedo (24º posto) tem sete referências (quatro em dissertações e três em teses), com três dissertações exclusivas. Tony Tcheka (37º posto) tem quatro menções (duas em dissertações e duas em teses), com uma dissertação exclusiva.

Até 2018 foram defendidos 23 trabalhos sobre a literatura guineense (15 dissertações e oito teses). Há uma diferença com a totalidade das investigações africanistas lusófonas, com maior proporção de doutorados (34,8% para a Guiné-Bissau, 27,0% para os PALOP) em relação aos mestrados (65,2% para a Guiné-Bissau, e 73,0% nos PALOP). Como há mais análises comparativas para a literatura guineense, existem mais teses, pois as dissertações são menos comparatistas e usualmente abordam monograficamente um autor ou obra. Quanto à distribuição temporal, temos: a) 1979-2004 – uma tese (4,3%, índice que é de 13,0% para os PALOP), b) 2005-2012 – três dissertações e quatro teses (30,4%, sendo 32,0% nos PALOP), c) 2013-2018 – 12 dissertações e três teses (65,3%, sendo 54,3% nos PALOP). Cabem algumas considerações quanto à distribuição temporal. A literatura guineense é de apreensão recentíssima no Brasil, sendo o primeiro trabalho defendido em 2004. Além disso, ocorrem mais análises no período de disseminação. A segunda consideração é sobre o perfil dos trabalhos, pois o período formativo e o de consolidação se fizeram mais através de teses, estabelecendo panoramas, e o período de disseminação tem a predominância de mestrados, o que sugere a possibilidade otimista de continuidade das

investigações, com os mesmos profissionais, em futuras teses de doutoramento, aprofundando e adensando a percepção sobre as literaturas abordadas nas dissertações. Nota-se também preferência pelo enquadramento nacional, com apenas quatro trabalhos comparando guineenses a nomes de outras nacionalidades, sendo todos eles dos PALOP, o que destoa das pesquisas com angolanos, moçambicanos e cabo-verdianos, nas quais ocorrem muitas leituras comparativas com brasileiros.

O mapeamento descritivo que se fará a seguir foi construído na cronologia da publicação dos trabalhos. Ainda que exaustiva, a lista pode estar incompleta por algumas razões. O catálogo apresenta mínimos problemas de má notificação e de subnotificação e, além disso, podem existir trabalhos anteriores aos registros na plataforma (início dos anos 1980). Por fim, há sempre a possibilidade de algum nome guineense não ter sido por nós selecionado, descontando os nomes que não deram positivo no catálogo. Trata-se de um mapeamento dos trabalhos feitos no Brasil sobre a literatura guineense, objetivando contribuir com futuras investigações, de modo a que se evite as tão costumeiras redundâncias científicas na pós-graduação brasileira (o que é algo bastante típico na profusão de trabalhos sobre nomes como Mia Couto, Pepetela ou Ondjaki).

O trabalho fundador das investigações sobre literatura guineense é a tese de Alfeu SpareMBERger (2004), que se dedica justamente a apresentar aos brasileiros a “singularidade” da literatura guineense. Em *A Singularidade da Literatura Guineense no Contexto das Literaturas de Língua Portuguesa*, e sob perspectiva comparativa, o autor repassa historicamente a literatura guineense, das manifestações ainda de cariz colonial ao momento de engajamento poético revolucionário, estudando, pela ordem, Fernanda de Castro, Fausto Duarte, Vasco Cabral e Hélder Proença. Destaca a formação do sistema literário guineense, articulando ao aspecto social de sua literatura a publicação do *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa*. Por fim, ressalta os novos rumos pós-coloniais, destacando o romance, em Abdulai Sila. A orientação é panorâmica e parece apontar mais para semelhanças que diferenças em relação aos demais contextos africanos e não africanos de manifestações literárias lusófonas.

Érica Cristina Bispo (2005), na dissertação *Gestos e Vozes de Papel: Odete Semedo e a Reinvenção de Passados e Estórias da Tradição Oral Guineense*, vai ressaltar a recuperação cultural presente na obra de Odete Semedo, por exemplo destacando a recuperação da oralidade na escrita literária. Trata-se, portanto, de uma pioneira pesquisa de apreciação exclusiva da singularidade de escrita de Odete Semedo.

Um panorama bastante completo é proposto na tese de Moema Parente Augel (2005), intitulada *O Desafio do Escombro: A Literatura Guineense e a Narração da Nação*. Com ampla gama de autores (Abdulai Sila, Odete Semedo, Tony Tcheka, Filinto de Barros, Félix Sigá, Pascoal D’Artagnan Aurigemma, Carlos Lopes, Huco Monteiro, Respício Nuno e José Carlos Schwarz), a pesquisadora faz um

acompanhamento da história literária de Guiné-Bissau, a partir de fortes questões teóricas quanto aos temas da nação, da identidade e do pós-colonial, apontando nos escritores os artífices da narração da nação através da recuperação engajada e identitária da história. O material da tese foi posteriormente editado em livro (Augel, 2007), tornando-se acessível também aos não especialistas.

Após estes trabalhos pioneiros, só voltamos a ter pesquisas defendidas sobre a literatura de Guiné-Bissau em 2010, justamente na tese de Odete Semedo (2010a). No trabalho, intitulado *As Mandjuandadi – Cantigas de Mulher na Guiné Bissau: Da Tradição Oral à Literatura*, Semedo, a partir de perspectiva interdisciplinar (história, sociologia e literatura), investiga a cultura guineense na resistência subalterna das cantigas de dito, resgatando seu papel na própria produção literária contemporânea, em particular na poesia de Tony Tcheka, Carlos-Edmilson Marques Vieira e Nelson Carlos Medina. O trabalho também é importante por operar um deslocamento da lusofonia ao crioulo, ressaltando um ponto central muitas vezes distante das análises feitas por pesquisadores brasileiros. Também a pesquisa de Semedo, como a de Augel, foi convertida em livro, ao menos parcialmente, no volume *Guiné-Bissau: História, Culturas, Sociedade e Literatura* (Semedo, 2010b).

Na tese *Lembrar e Carpir: Estratégias de Construção de Poemas Escritos por Mulheres nas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*, Vera Lúcia Ferreira (2011) traça um panorama crítico da poesia de autoras africanas, incluindo a análise de Odete Semedo. Além dela, constam na tese Ana Paula Tavares, Conceição Lima, Alda Espírito Santo, Alda Lara, Maria Alexandre Dáskalos, Amélia Dalomba e Yolanda Morazzo. Trata-se de trabalho também pioneiro, operando a intersecção de gênero no panorama literário africano. Toma-se a figura da carpideira e da capina em associações à dor e à sementeira enquanto categorias interculturais das poetisas, numa cartografia da composição literária, ressaltada no resumo em aspectos como retrato e paisagem.

Também de 2011 é a tese do guineense Jorge Otinta, *Representações do Intelectual: Um Estudo sobre Mayombe e Kikia Matcho*. O trabalho propõe a análise multidisciplinar da produção de Pepetela e de Filinto de Barros, entendendo-os como significativos ficcionistas e intelectuais para dois momentos históricos, o das lutas de libertação nacional e o das vicissitudes da pós-independência. A integração entre os estudos histórico e literário se dá na atuação política dos escritores e nas obras *Mayombe* e *Kikia Matcho*. O trabalho também foi editado em livro, pela CRV (Otinta, 2012).

A dissertação de Leticia Valandro (2011), *A Difícil Mistida Guineense: Nação e Identidade da Guiné-Bissau através da Trilogia de Abdulai Sila*, aborda, através da leitura de três romances de Abdulai Sila, o percurso histórico guineense, ressaltando

o enquadramento nos Estudos Culturais. A perspectiva aponta para um hibridismo cultural guineense e para a integração de tradição e modernidade.

Outro trabalho de análise exclusiva é a dissertação de Lilian Paula Serra e Deus (2012), *A Língua é Minha Pátria: Hibridação e Expressão de Identidades nas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*. A perspectiva do hibridismo também aqui é convocada, tomando-se a realidade plurilíngue de Moçambique e de Guiné-Bissau. Estudam-se o movimento *Msaho*, de Moçambique, e os contos de Odete Semedo, lidos a partir de uma ideia de “falescrita”, narrando marcas identitárias através da dinâmica entre oratura e literatura.

Érica Bispo voltou à literatura guineense na sua tese, agora discutindo a obra de Abdulai Sila, em *Eternos Descompassos... Faces do Trágico em Abdulai Sila* (Bispo, 2013). Também estudando a trilogia do autor, a tese segue o percurso histórico representado nos livros, apontando para a crítica social presente na literatura do romancista, particularmente caracterizada pelas noções de trágico e de trauma. A ênfase se dá nas estratégias narrativas de Sila para tal representação trágica. Importante ressaltar que esse estudo ganhou o concurso de dissertações e teses sobre a Guiné-Bissau, na categoria teses de doutoramento, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa da Guiné-Bissau, em 2016.

Também discutindo a categoria de tragédia, a dissertação de Alexandra Rocha (2014), *Tragédia Grega e Moderna: Uma Análise de ‘A última tragédia’, de Abdulai Sila*, observa a construção de personagens no romance e detalha a representação de conflitos étnicos na obra de Sila, enfatizando as relações e diferenças entre a tragédia grega e a encenada no livro.

Já na tese *O Branco Veio, Tem que Ir Embora. Temas e Tramas Literárias na (Re)Construção da Guiné-Bissau: Uma Leitura da Narração da Nação na ‘Trilogia’ de Abdulai Sila*, Suely Santos Santana (2014), à luz do ativismo de Amílcar Cabral, também relê a trilogia inicial de Sila. Para a pesquisadora, o retrato crítico operado nos romances indica a possibilidade de uma nação moderna. Os motivos selecionados para a análise são as ideias de desenvolvimento, unidade, autodeterminação, tradição e modernidade, sob uma ótica pan-africanista.

Na dissertação de 2014, *As Dicotomias da Nação: O Espaço em ‘Eterna Paixão’ e ‘Venenos de Deus, Remédios do Diabo’*, Manuella Pereira Carvalho tece comparações entre os livros de Mia Couto e Abdulai Sila, entendendo-os a partir da noção de representação de comunidades imaginadas e ressaltando as dicotomias entre tradição e modernidade e entre local e global (Carvalho, 2014).

A perspectiva da imaginação de nação através de obra literária é corroborada na dissertação de Karina Calado (2015), *Ancestralidade e Imagens de Nação no Canto-poema ‘No Fundo do Canto’ de Odete Semedo*. Discute-se o conceito de cantopoema, conjugando-o ao estudo da identidade nacional e ao da identidade da voz poética. O

trabalho também se orienta pelos Estudos Culturais, apontando a diversidade étnica e linguística em paralelo à exposição das relações entre oralidade e literatura.

Em *O Papel Amalgamador do Poeta na Guiné-Bissau Atual*, Kátia Melchiades (2014) propõe a discussão do uso do poema “*Guinendadi*”, de Rui Jorge Semedo, no contexto da educação básica, citando explicitamente a Lei nº 10639/03 (2003). A pesquisadora entende o papel do poeta como central na reconstrução nacional guineense e ressalta a necessidade de aproximação dos povos que compartilham a língua portuguesa. Trata-se do único trabalho a associar a literatura guineense às políticas afirmativas brasileiras voltadas à educação.

Em 2015 é defendida a dissertação de Teresa Cibotari, *A Descolonização do ‘Eu’: Sujeitos Literários e Representação da Alteridade Colonizadora*. Sob enquadramento comparatista, a investigadora trata de romances de Abdulai Sila (*A Última Tragédia*), João Paulo Borges Coelho (*Rainhas da Noite*) e Agualusa (*Teoria Geral do Esquecimento*), pensando a questão da alteridade cultural através de personagens portuguesas presentes nas narrativas, ou seja, objetiva-se entender a representação africana da identidade portuguesa, recorrendo-se teoricamente às teorias do imaginário (Cibotari, 2015).

Coube a Roclaudelo Nanque (2016), guineense, o único trabalho exclusivo sobre a obra de Tony Tcheka. Na dissertação *Poética da Dor-Esperança: Nação e Diáspora em ‘Noites de Insônia na Terra Adormecida’ e ‘Guiné, Sabura que Dói’ de Tony Tcheka*, aborda-se a relação entre nação e diáspora no poeta, enfatizando aspectos literários e dimensões culturais, históricas e sociais.

Também de 2016 é a dissertação de Ellen Lima, *Contos Bissau-Guineenses Contemporâneos: Sentidos de Identidade e Resistência*. Parte-se da situação contemporânea do país para a análise do sentido de identidade presente nos contos literários. Estudando questões como marcas da oralidade e dimensões de identidade e resistência, analisam-se contos de diversos autores nacionais, tendo por base a teoria pós-colonial (Lima, 2016).

É igualmente na discussão sob a ótica identitária que se dá a investigação de Melquisedeque Melo (2016). Analisando o romance de Abdulai Sila, na dissertação *‘A Última Tragédia’: Embates e Entraves na Formação das Identidades Guineenses*, o estudioso relaciona o livro ao processo histórico da construção de nação em meio ao processo de globalização.

Na dissertação *Poesia em Conflito: Marcas Identitárias na Poesia Guineense Contemporânea de Odete Semedo, Saliatu da Costa e Tony Tcheka*, Luís Carlos Alves de Melo (2017) traça um panorama da produção dos poetas guineenses. Revisando os conceitos de identidade e nação, o trabalho pensa as obras poéticas no contexto de conflito e de reconstrução nacional a partir da memória, compartilhando identidades de resistência.

Tema semelhante é abordado na tese de Wellington de Carvalho (2017), *A Relevante Tarefa de Forjar a Guineidade: A Prosa de Odete Semedo e Abdulai Sila*. Ali, a literatura também é pensada como engajamento em nome dos lugares de memória e do trato com a oralidade, edificando criticamente a identidade nacional.

Na dissertação ‘*As Orações de Mansata*’: *Cenas da Sociedade Guineense*, Adulai Baldé (2017) discute a obra dramaturgica de Abdulai Sila, sendo assim um trabalho pioneiro. A análise da peça, que se passa no período pós-colonial e é uma adaptação de *Macbeth*, de Shakespeare, mostra a crítica que o texto empreende sobre o hibridismo e os conflitos nacionais, enquadrando a discussão nos temas pós-coloniais e dos Estudos Culturais. Enfatiza, ao fim, a dimensão plural guineense, aspecto negligenciado pela colonização portuguesa.

Com a dissertação *As Representações da Mulher Guineense nas Obras ‘Eterna Paixão’ e ‘A Última Tragédia’*, de Abdulai Sila, Luciene Cruz (2018) analisa personagens dos livros a partir da noção feminista de *Africana Womanism*, pensando tal abordagem no quadro das especificidades de lutas das mulheres guineenses. Trata-se de trabalho que aborda de modo explícito bibliografia feminista no trato dos textos literários, o que constitui também um pioneirismo.

Por fim, a dissertação de Jonh do Nascimento Alves (2018), *Narrativas Pós-Colonialistas: A Representação do Nacionalismo Guineense em Abdulai Sila*, propõe um estudo não apenas da já tradicional trilogia de Sila, mas é pioneiro na análise do recente *Memórias SOMânticas*, livro de 2016. Sob instrumental teórico pós-colonial, o trabalho aborda a criação de personagens em Sila, relacionando-a à crítica de identidades presente no projeto do romancista.

Considerações finais

Os 23 trabalhos, como se viu, são bastante diversificados nos enquadramentos de gênero (romance, contos, poesia, teatro), abordam um número significativo de autores e na totalidade relacionam a literatura guineense à dinâmica histórica do país. Há ênfase nas questões de identidade e nação, além de privilégio da dimensão cultural, usualmente pela discussão da oralidade e do hibridismo. Um campo de investigação ainda bastante recente, as literaturas de Guiné-Bissau são ainda pouco analisadas em aspectos técnicos, predominando a leitura de representação social e histórica, na ideia do texto literário como imaginação de nação. Também não existem comparações com brasileiros e as aproximações que existem, no plano da lusofonia ou da africanidade, ressaltam mais a integração e a unidade comunitária que relações de força e diferenças. Este é um problema, frise-se, do conjunto dos trabalhos brasileiros sobre as literaturas africanas, e não apenas as de Guiné-Bissau. Por fim, o modelo de análise dos nomes mais citados, Odete Semedo e Abdulai Sila,

parece ainda ter pouca variedade, seja nos aspectos teóricos que guiam as análises de Semedo, seja na repetição da trilogia de Sila em algumas pesquisas. De outro lado, ressaltamos a perspectiva engajada que orienta a maioria dos trabalhos, apresentando pressupostos solidários e pensando a crise pós-colonial em categorias como “escombros”, “conflito” e “trágico”. Muito existe ainda por fazer na recepção brasileira aos escritores guineenses, sendo a ultrapassagem da lusofonia como única via um dos aspectos possíveis em termos comparatistas.

De fato, persiste, nos estudos africanos do Brasil, ainda um aprisionamento da ideia de lusofonia enquanto integração sem arestas. No caso de Guiné-Bissau, aspectos da criouliização linguística acabam indiscutidos em muitos dos trabalhos. Trata-se da apropriação pela recepção acadêmica brasileira de um ideário comunitário que legitima projetos políticos hegemônicos de uma diversidade de fachada. Corre-se o risco, na recepção das literaturas africanas pela academia brasileira, da restituição do paradigma lusófono enquanto identidade sem fissuras. A historiadora Márcia Chuva (2016) trata a questão sob o enquadramento do patrimônio “forjado”. Analisando viagens técnicas (no Brasil e nas colônias africanas de Portugal) para constituição de patrimônio nacional, musealização e tombamento de áreas, Chuva constata a estruturação de paradigmas de patrimônio construído pelas análises no decorrer das viagens. A recepção de literaturas africanas corre o mesmo risco. Para evitar o patrimônio forjado – a concepção de uma comunidade que se resolve pela explicitação de uma unidade em torno à língua portuguesa e pela implicação de hierarquias ideologicamente dadas como orgânicas, o comungar de uma única história e cultura – a crítica literária não pode prescindir de estratégias que apreendam a estrutura heterogênea das relações entre os territórios de língua oficial portuguesa. A pertença mútua não pode obscurecer os arranjos transversais, ou se obstrui a dimensão estruturante dessas heterogêneas áreas e situações de convívio. O patrimônio forjado, portanto, se basearia numa ideia conciliatória, cujo centro é uma metafísica da pertença compartilhada. Alexandre Montauray Coutinho (2016, p. 59) aponta que compartilhadas são as experiências históricas, evitando a metafísica da ideia de contrato social que funda certa percepção do sistema de língua oficial portuguesa (uma identidade comum, avessa à concepção de campos de forças). Coutinho propõe que se reveja a concepção de comunidade, citando a comunidade jurídica da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e o Acordo Ortográfico, vigente desde 2012: “No momento em que se torna necessário evidenciar as diferenças estruturantes no interior deste campo cultural, pergunta-se quem e o quê é comum no interior deste campo de forças?” (p. 61) Além disso, a utopia do “múltiplo cultural”, como vimos no início em Laura Padilha (2010), é continuamente contraposta às estratégias da redundância e da conciliação, seja as que operam pela

concentração de nomes oferecidos pelo mercado editorial, seja as propriamente teóricas, às vezes em nome de um burocratismo acadêmico que restitui cânones no próprio movimento de desconstruí-los, como seria (e nem sempre é) o caso das pesquisas em literaturas africanas.

O estudo de recepção da literatura de Guiné-Bissau no Brasil faz parte daquele esforço de desconstrução e desvelamento do campo acadêmico e do cânone literário, na medida em que problematiza a relação que a própria academia tem com a ideia de em torno de um “Atlântico negro” (Gilroy, 2001). No prefácio à edição brasileira, Paul Gilroy postula uma “solidariedade translocal” (p. 10), que se dê a partir da “propensão não-nacional da diáspora” (p. 19). O entendimento da recepção brasileira de literaturas africanas supõe tomar esta recepção enquanto resposta a demandas internas, a partir da constatação de um epistemicídio estrutural da contribuição dos negros brasileiros, cuja resposta tão eficaz foi a lei 10639/03, mas também passa pela descrição crítica do quadro de dinâmicas de forças contraditórias no plano próprio da lusofonia. A recepção aos literatos guineenses expressa na sua totalidade tais contradições.

Referências bibliográficas

- Alves, J. J. N. (2018). *Narrativas pós-colonialistas: A representação do nacionalismo guineense em Abdulai Sila*. Dissertação de mestrado, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil.
- Alves, R. L. P. (2018). Crítica da recepção crítica de João Paulo Borges Coelho no Brasil. *Revista Mulemba*, 10(18), 168-184.
- Augel, M. P. (2005). *O desafio do escombros: A literatura guineense e a narração da nação*. Dissertação de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.
- Augel, M. P. (2007). *O desafio do escombros: Nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau*. Garamond.
- Baldé, A. (2017). *As orações de Mansata: Cenas da sociedade guineense*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Bahia, Brasil.
- Bispo, E. C. (2005). *Gestos e vozes de papel: Odete Semedo e a reinvenção de passadas e estórias da tradição oral guineense*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.
- Bispo, E. C. (2013). *Eternos descompassos... faces do trágico em Abdulai Sila*. Dissertação de doutoramento, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.
- Calado, K. A. (2015). *Ancestralidade e imagens de nação no cantopoema ‘No fundo do canto’ de Odete Semedo*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil.

- Carvalho, M. P. (2014). *As dicotomias da Nação: O espaço em 'Eterna paixão' e 'Venenos de deus, remédios do diabo'*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pelotas, Brasil.
- Carvalho, W. M. (2017). *'A relevante tarefa de forjar a guineidade': A prosa de Odete Semedo e Abdulai Sila*. Dissertação de doutoramento, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil.
- Chuva, M. (2016). Forjar patrimônio em campo: Deslocamentos e missões no Brasil e na África. *Revista Estudos Históricos*, 29(57), 29-48.
- Cibotari, T. B. A. (2015). *A descolonização do 'eu': Sujeitos literários e representação da alteridade colonizadora*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil.
- Coutinho, A. M. B. (2016). Comunidade e imunidade pós-colonial: O campo literário e cultural nos espaços da língua portuguesa. Em F. García, & I. Mata. (Org.), *Pós-colonial e pós-colonialismo: Propriedades e apropriações de sentido* (pp. 51-64). Diálogos Publicações.
- Cruz, L. R. S. (2018). *As representações da mulher guineense nas obras 'Eterna paixão' e 'A última tragédia', de Abdulai Sila*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense, Brasil.
- Deus, L. P. S. (2012). *A língua é minha pátria: Híbridação e expressão de identidades nas literaturas africanas de língua portuguesa*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil.
- Ferreira, V. L. S. (2011). *Lembrar e carpir: Estratégias de construção de poemas escritos por mulheres nas literaturas africanas de língua portuguesa*. Dissertação de doutoramento, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil.
- Gilroy, P. (2001). *O Atlântico negro: Modernidade e dupla consciência*. Editora 34.
- Melchiades, K. (2015). *O papel amalgamador do poeta na Guiné-Bissau atual*. Dissertação de mestrado, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil.
- Lei nº 10.639, de 9 de janeiro. (2003). *Dispõe sobre as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira"*. Brasília. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm
- Lima, E. C. O. (2016). *Contos bissau-guineenses contemporâneos: Sentidos de identidade e resistência*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil.
- Melo, L. C. A. (2017). *Poesia em conflito: Marcas identitárias na poesia guineense contemporânea de Odete Semedo, Saliatu da Costa e Tony Tcheka*. Dissertação de mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

- Melo, M. M. (2016). *'A última tragédia': Embates e entraves na formação das identidades guineenses*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil.
- Nanque, R. N. D. P. S. (2016). *Poética da dor-esperança: Nação e diáspora em 'Noites de insônia na terra adormecida' e 'Guiné, sabura que dói' de Tony Tcheka*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.
- Otinta, J. N. N. (2011). *Representações do intelectual: Um estudo sobre Mayombe e Kikia Matcho*. Dissertação de doutoramento, Universidade de São Paulo, Brasil.
- Otinta, J. N. N. (2012). *Representações do intelectual: Um estudo sobre Mayombe e Kikia Matcho*. Editora CRV.
- Padilha, L. C. (2010). O ensino e a crítica das literaturas africanas no Brasil: Um caso de neocolonialidade e enfrentamento. *Revista Magistro*, 1(1), 2-15.
- Rocha, A. M. M. (2014). *Tragédia grega e moderna: Uma análise de 'A última tragédia', de Abdulai Sila*. Dissertação de mestrado, Centro Universitário Ritter dos Reis, Brasil.
- Santana, S. S. (2014). *'O branco veio, tem que ir embora'. Temas e tramas literárias na (re)construção da Guiné-Bissau: Uma leitura da narração da nação na trilogia de Abdulai Sila*. Dissertação de doutoramento, Universidade Federal da Bahia, Brasil.
- Semedo, O. C. (2010a). *As mandjuandadi – Cantigas de mulher na Guiné-Bissau: Da tradição oral à literatura*. Dissertação de doutoramento, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil.
- Semedo, O. C. (2010b). *Guiné-Bissau: História, culturas, sociedade e literatura*. Nandyala.
- Sparemberger, A. (2004). *A singularidade da literatura guineense no contexto das literaturas de língua portuguesa*. Dissertação de doutoramento, Universidade de São Paulo, Brasil.
- Valandro, L. (2011). *A difícil mistida guineense: Nação e identidade da Guiné-Bissau através da trilogia de Abdulai Sila*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.